

## Cultura Política na Antigüidade

José Petrúcio de Farias Júnior\*

Pretendemos discutir nesse artigo algumas implicações do termo *cultura política* na Antigüidade, especificamente, na sociedade romana imperial. Dessa forma, acreditamos que as considerações que apresentaremos a seguir contribuam para reflexão da utilização desse termo, produto das investigações contemporâneas, sobre os estudos das sociedades antigas. Para a historiadora Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho, tais reflexões representam ainda uma lacuna na historiografia concernente a essa temática. Isso posto, discorreremos, inicialmente, sobre o conceito de cultura e seus desdobramentos para, em seguida, refletirmos sobre o viés interpretativo que fundamenta estudos históricos que se desenvolvem sob o beneplácito da linha de pesquisa intitulada História e Cultura Política.

Quando nos apoiamos em conceitos modernos para aludir à dinâmica das sociedades em épocas remotas ou até mesmo próximas ao momento histórico em que estamos inseridos, percebemos que tal projeção pode corromper ou extrapolar os limites de compreensão do documento histórico, afastando-nos de nosso objeto de pesquisa.<sup>1</sup>

Dessa forma, ao nos dirigirmos à Antigüidade, é mister observar as especificidades que envolvem o período, pois, no momento em que elaboramos um conceito, nós o envolvemos com a ideologia da época em que estamos inseridos. Em decorrência disso, é preocupante empregar terminologias geridas em nossa sociedade, tendo em vista as condições históricas que nos cercam, e projetá-las, sem restrições, para o passado a fim de compreender práticas sociais da Antigüidade. O termo *cultura*, por exemplo, é, ainda hoje, objeto de muitas discussões de antropólogos, sociólogos, filósofos, historiadores, entre outros, os quais imprimem ênfases diferentes em torno desse termo. Particularmente, em relação aos historiadores, nota-se que as asserções sobre o termo cultura são imbuídas de conceitos bastante genéricos com a finalidade de evitar objeções, pensamos.

Para o historiador Richard Miles, por exemplo, a cultura tem sido descrita como um conceito que sempre muda, ou melhor, incorpora múltiplas formas, tais como transmissão oral, texto e gesto, todas vislumbradas pela comunicação. Para o autor, a cultura é materializada em forma de narrativas em constante estado de contestação, revisão e reformulação. (MILES, 2000, p. 34)

Definição semelhante encontramos em Funari (2003, p. 21), visto que o pesquisador define cultura como tudo que estiver relacionado ao produto do trabalho e da elaboração humanos. Nota-se, em ambos os casos, que um certo grau de abrangência permeiam as definições, já que se utilizam de palavras ou expressões de sentido vago como “um”, “

---

\* Doutorando em História pela UNESP/Franca na linha de pesquisa História e Cultura Política.

<sup>1</sup> Queremos dizer com isso que, muitas vezes, nos debruçamos sobre o passado com a visão que temos do presente de tal forma que os conceitos modernos construídos para explicar a dinâmica das sociedades contemporâneas, em grande medida, é transplantada para a análise das sociedades antigas sem que se insiram considerações em relação às especificidades do momento histórico que se pretende compreender.

múltiplas formas” e “tudo” com a finalidade de apreender, a nosso ver, a diversidade humana e o meio em que vive.

Então, dois obstáculos dificultam a locomoção desse termo para o estudo do Mundo Antigo. O primeiro está calcado na dificuldade de definir cultura de maneira precisa o que pode cogitar a possibilidade de que o pesquisador não contemplará questões políticas, econômicas, religiosas, etc.<sup>2</sup> e o outro está vinculado às especificidades do momento histórico, já que a dinâmica das sociedades na Antiguidade não pode ser enxergada à luz de conceitos ou vieses interpretativos modernos, mesmo que não seja possível nos projetarmos ao passado sem partir do presente, porquanto nossas próprias indagações respondem a estímulos presentes na sociedade na qual estamos insertos.

Queremos dizer com isso que a aplicação desse conceito requer do pesquisador uma definição singular que esteja relacionada às especificidades do objeto de pesquisa e não simplesmente a transposição de conceitos elaborados por pesquisadores contemporâneos que têm em mente a dinâmica da sociedade na qual nos encontramos. Em outras palavras, faz-se necessário problematizar os conceitos que mobilizamos para composição da nossa pesquisa.

Nesse sentido, há esforços significativos de muitos historiadores em estudar a Antiguidade sob a égide do âmbito cultural. Miles (2000), por exemplo, estuda a cultura romana pelo viés da comunicação, uma vez que o processo comunicativo, para ele, é a base para compreensão da dinâmica das sociedades antigas. O estudioso adverte que não devemos nos ater apenas à comunicação verbal. Por isso, estátuas, prédios públicos, objetos de uso doméstico, pórticos são também práticas culturais relevantes que perfazem a comunicação não-verbal, isto é, legam-nos informações sobre a cultura das sociedades antigas, mas sem palavras.

Sendo assim, deduzimos que, para Miles (2000, p. 35) as práticas culturais oferecem uma imagem, uma representação, ou melhor, um simulacro do mundo a partir de um sistema de códigos sociais. Percebemos claramente essa questão no momento em que o referido autor utiliza inscrições, sepulturas, frisos nos túmulos e estátuas para mostrar a maneira como líderes políticos romanos não só representavam o poder imperial, mas também ambicionavam construir a legitimidade política de membros das elites locais. Sob essa ótica, partimos do pressuposto de que a comunicação codifica<sup>3</sup> o mundo real vivido sob determinada perspectiva, ou seja, para defender determinada visão de mundo ou para sustentar interesses políticos de um grupo social.

---

<sup>2</sup> Como se observa, cultura é um termo que congrega diversos componentes da vida humana: vestimenta, língua, costumes, crenças religiosas, formas de governo, enfim, todos esses elementos podem ser investigados sob o beneplácito do âmbito da cultura. Essa é a razão pela qual encontramos diferentes trabalhos investigativos insertos nessa linha de pesquisa. Richard Miles (2000), como demonstramos, enxergou a cultura na Antiguidade pelo viés da comunicação oral e escrita; Fábio Joly (2004) estudou a escravidão no Alto Império Romano como pano de fundo para compreender as formas de estruturação do regime imperial e estratégias de ações políticas individuais e coletivas. Outra pesquisadora importante é Fleming (2001) que atuou nesse campo analisando as vasilhas de metal do século I a . C. Observa-se que todos esses trabalhos se dizem atuar sob uma mesma linha de pesquisa: cultura, o que nos leva a concluir que se trata de um termo bastante abrangente e difícil de ser estudado sem que haja um corte temático do objeto de estudo, como esses estudiosos fizeram.

<sup>3</sup> Entendemos por codificação, a transformação de algo em códigos. Todo código se caracteriza por um signo que, no caso em apreço, é a *palavra falada* ou *escrita*, bem como as demais manifestações da cultura material. Em virtude disso, dizemos que o autor tenta decodificar, ou seja, revelar os códigos que estão por trás da *palavra falada* ou *escrita*.

Deduz-se, por extensão, que esses meios de comunicação funcionam como códigos que foram materializados pelos romanos na Antigüidade por intermédio das várias formas de comunicação que ambicionavam representar práticas do cotidiano. Não é difícil observar que tais práticas levavam consigo certa intencionalidade, ou seja, por trás desses códigos havia uma intensa força persuasiva proveniente, em grande medida, da categoria social dominante do império que objetivava assegurar sua hegemonia diante dos demais cidadãos romanos. Possivelmente, essa forma de pensar tenha influenciado o pesquisador a sustentar que inscrições, estátuas, pórticos, entre outros, perfazem a função de canalizar as atenções dos romanos para a construção e representação do poder imperial. Acrescenta ainda que o entendimento da cultura pelo viés da comunicação nos remete à análise de poder, representação e identidade na Roma Antiga. O estudioso evidencia essas associações a partir do binômio *palavra falada* e *palavra escrita*, as quais permearão o estudo sobre a comunicação. (MILES, 2000, p.38-9)

Em relação ao valor funcional da *palavra falada*, o pesquisador declara que ela aproximava as camadas populares das decisões governamentais, ou seja, era um importante instrumento de articulação da corte imperial com os demais cidadãos romanos. Já a *palavra escrita* deteve várias funções, entre as quais a atuação como fator de união dos membros que compunham a camada dominante o que colaborava, por extensão, para coesão interna das elites locais romanas. Além disso, a palavra escrita se constitui como um importante veículo de transmissão das decisões imperiais, prática que se confirma nas inúmeras correspondências pessoais do imperador a cidadãos que faziam parte de sua rede de sociabilidade. Estas correspondências levavam consigo as particularidades da orientação político-cultural do poder imperial.

Outro trabalho interessante no que diz respeito à cultura na sociedade romana imperial foi desenvolvido pela arqueóloga Maria I.A. Fleming, cuja função era demonstrar que a manipulação de objetos materiais como as vasilhas de metal para o banquete no mundo romano era uma peça importante para a compreensão das funções políticas e interesses da camada dominante. Coube à autora, portanto, problematizar as informações que estavam fixadas nas vasilhas de metal e refletir sobre a intencionalidade que envolveu tal prática. Para a pesquisadora, “(...) a arte ocupa um lugar fundamental na produção dos sistemas simbólicos, sendo o veículo por excelência para a promoção de indivíduos tanto na esfera pública como no contexto privado (...)”. (FLEMING, 2001, p.102)

A “promoção de indivíduos” à qual ela se refere está relacionada a uma preocupação dos patronos em fazer com que os objetos que os circundavam, fossem a expressão de seus próprios poderes, influências e interesses que eram elaborados por artistas contratados.

Dessa forma, observamos que o modelo teórico adotado por Fleming se diferencia daquele utilizado por Miles. Este tem diante de si a palavra, aquela o objeto. Todavia, ambos os autores estão preocupados com os aspectos culturais da sociedade romana. Em outras palavras, ao contrário do tipo de análise que Miles propõe, as vasilhas de metal, utilizadas por Fleming, simbolizam um objeto que não se distingue do próprio signo, porque ele, o signo, é extraído do próprio objeto como parte dele; há, nesse caso, uma relação metonímica<sup>4</sup>, para utilizar uma terminologia da retórica verbal. Em virtude

---

<sup>4</sup> De acordo com o linguista Othon Garcia em “Comunicação em prosa moderna”, metonímia são relações reais de ordem qualitativa que levam consigo a idéia de contigüidade. Por exemplo, Fulano é um cérebro

disso, para que se tornasse possível elaborar uma reflexão coerente entre as vasilhas e sua representatividade, Fleming precisou tornar heterogêneos os ambientes através de uma operação da mente capaz de provocar um valor, um predicado, um juízo que projetasse uma imagem valorativa do que as vasilhas representavam ou a fim de que pudessem valer pelo ambiente como um todo e atuassem como um índice dele.

Em linhas gerais, Fleming(2001) produziu uma pesquisa em que é imprescindível manipular visão/ leitura. A autora utiliza outras ferramentas para compreender seu objeto. É necessário, aqui, desenvolver uma espécie de olhar tátil, multissensível, sinestésico. Pensamos que seja mais um desempenho do que competência, porque, sendo dinâmicas, as vasilhas de metal exigem uma leitura, se não desorganizada, pelo menos sem ordem preestabelecida, convencional ou sistematizada. No entanto, é possível verificar no discurso de Fleming algumas lacunas, dentre elas, a existência de várias generalizações, ou seja, a autora arrola uma série de informações desprovidas de argumentos que pudessem legitimá-las. Tal postura pode ser explicada por se tratar de um artigo de divulgação no interior do qual não havia espaço para justificativas.

Sendo assim, constatamos, a partir dos autores mencionados, que ambos atuaram no sentido de registrar alguns aspectos culturais da Antigüidade em Roma e os relacionaram ao cenário político. Em outras palavras, ambos os estudos aproveitam a cultura material legada pela sociedade romana imperial para compreender os jogos de interesses que alimentavam o cenário político em Roma. Isto revela, por sua vez, a relação mútua de solidariedade entre política e cultura, sem a qual perderíamos informações importantes a respeito da logicidade de algumas práticas culturais. Um pesquisador que, por exemplo, faz uma leitura dos documentos históricos da Antigüidade pautado na divisão social contemporânea, corre o risco de produzir uma interpretação limitada ou fragmentada consoante sugerimos no início do artigo.

Em síntese, é possível dizer que Miles aproxima sua análise da Teoria da Informação; já Fleming envereda sua análise à Semiótica. O primeiro está calcado na análise dos códigos – palavra – que viabilizavam o processo comunicativo. A segunda tentou identificar e definir a natureza das vasilhas e a relação que mantém com o objeto representado como condições para que se estabelecessem os padrões característicos de uma linguagem. Em decorrência disso, entendemos que Semiótica e Teoria da Informação constituem esteios interdependentes no estudo da compreensão da cultura.

Assim entendido, é possível asseverar que, guardadas as devidas proporções, os vestígios culturais refletem o cenário político romano e vice-versa. Tal associação não nos permite diferir a esfera cultural e a esfera política, como geralmente fazemos hoje. Por esse motivo, a sustentação do termo “cultura política” na Antigüidade se apresenta de maneira pertinente e lúcida, tal como mostraram Miles (2000) e Fleming (2001). As investigações históricas que tramitam sob a alcunha da linha de pesquisa intitulada *cultura política*, já são adotadas por muitos programas de pós-graduação em História no Brasil. Isso aponta para uma tendência de análise cada vez mais presente.

Em contrapartida, imaginamos que cultura política seja um conceito volúvel, quando aplicado ao Império Romano, haja vista as metamorfoses pelas quais a sociedade romana, especificamente, passou não só no transcorrer dos séculos, mas também entre as províncias de que era constituído o Império. Sendo assim, não é possível nos

---

– o autor quis dizer que Fulano é inteligente. Nesse caso, a parte do corpo substituiu a qualidade de “Fulano”; há, portanto, uma relação de contigüidade.

referirmos à cultura política como um conceito fechado, pronto e acabado para a história do Império Romano. Acreditamos que se quisermos tecer comentários ou até mesmo buscar uma definição para o termo “cultura política”, levaremos, indubitavelmente, em consideração momentos isolados da História Romana, isto é, faz-se necessário uma abordagem sincrônica, para que não produzamos generalizações. Janet Huskinson, por exemplo, atuou com bastante propriedade, em um artigo que redigiu intitulado Cultura de elite e Identidade de um Império,<sup>5</sup> no sentido de demarcar os diferentes momentos político-culturais vivenciados pelos romanos.

A autora divide seu artigo em três partes. A primeira versa sobre as relações culturais existentes entre Grécia e Roma na República, depois ela demonstra a maneira como tais elementos se desenvolvem e aglutinam novas características no Principado em virtude da atuação dos imperadores. Por fim, tendo em vista as relações culturais a que Grécia e Roma foram submetidas no transcorrer do Principado, a autora avaliou a questão da educação e a elite romana.

Como vimos o estudo da cultura política em Roma deve considerar as mudanças e permanências que ocorreram na esfera político-cultural. Nesse sentido, qualquer comentário que se queira construir sobre o aspecto social em questão partirá, inicialmente, de um corte no objeto de pesquisa e de um momento histórico específico.

Para finalizar, pensamos que seja viável ensaiar uma definição bastante abrangente sobre cultura política, mesmo com todas as dificuldades relatadas nesse trabalho em torno da precisão dos conceitos que envolvem política e cultura na Antiguidade. Conforme mencionamos, tais conceitos se interpenetram no contexto da Roma Antiga, ou seja, enquanto a política envolve o cidadão romano em suas práticas diárias no interior das províncias, a cultura estuda a intencionalidade de tais práticas sociais a fim de compreender o homem no interior da dinâmica da sociedade.

Nesse sentido, quando aplicada à compreensão da sociedade romana, “Cultura política” versa sobre o estudo das diferentes manifestações humanas que revelam a dinâmica da sociedade, no cenário político, bem como as redes de sociabilidade que estavam em vigor em determinado período.

Assim, por meio dessa linha de pesquisa, o estudioso pode apresentar as especificidades de uma sociedade que se apoiava na atuação efetiva dos cidadãos enquanto membros responsáveis pela condução dos problemas da *polis* e pelas práticas culturais que permeavam esse processo, tais como a criação de mecanismos de poder que eram construídos em torno dos órgãos públicos como o Senado e a Assembléia, a hierarquização da sociedade em grupos antagônicos: libertos e escravos com seus senhores ou patronos e as diferenças existentes entre eles. Outro elemento importante era a religiosidade que, de certa forma, permeava a vida política servindo, muitas vezes, como “artifício retórico” aplicado pelos agentes de poder no Império para conferir credibilidade às decisões da corte imperial.

Em síntese, o estudo da cultura política, no Império Romano, entendida a partir de suas práticas culturais e instituições políticas revela, em parte, o modo de vida dos cidadãos romanos, já que a ideologia dominante na política e seus mecanismos de legitimação direcionavam atitudes e comportamentos a serem seguidos. Esta seria uma visão

---

<sup>5</sup>. HUSKINSON, Janet. Élite Culture and Identity of Empire. In: \_\_\_\_\_. (ed.) **Experiencing Rome: culture, identity and power in the Roman Empire**. London: Routledge, 2000. p. 95 – 124.

bastante determinista se não levássemos em consideração a abrangência do termo “política” e “cultura” bem como a interdependência desses setores na Antiguidade.

Não pretendemos, com essa breve exposição, encerrar as reflexões sobre o tema questão. Propusemo-nos apenas fomentar o debate, haja vista a proliferação de estudos sobre a Antiguidade a partir desse eixo temático.

#### **Referências**

CARVALHO, Margarida Maria de. Paidéia, Retórica e uma Nova Abordagem sobre Contra Juliano de Gregório Nazianzeno. **Dimensões**. Vitória: EDUFES, 2004

FLEMING, Maria Isabel D'Agostinho. Poder Político e Cultura Material: as vasilhas de metal romanas no contexto imperial e nas áreas periféricas da Europa Central e do Norte. In: BENOT, Hector e FUNARI, Pedro Paulo Abreu (orgs.). **Ética e Política no Mundo Antigo**. São Paulo: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas-UNICAMP, 2001. p. 101-116.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **A Vida Cotidiana na Roma Antiga**. São Paulo: Annablume, 2003.

GARCIA, Othon. **Comunicação em prosa moderna**. 8ª. Ed. RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1980.

HUSKINSON, Janet. Élite Culture and Identity of Empire. In: \_\_\_\_\_. (ed.) **Experiencing Rome: culture, identity and power in the Roman Empire**. London: Routledge, 2000. p. 95 – 124.

JOLY, Fábio. **Tácito e a Metáfora da escravidão**. São Paulo: EDUSP, 2004.

MILES, Richard. Communicating Culture, Identity and Power. In: HUSKINSON, Janet (ed.) **Experiencing Rome: culture, identity and power in the Roman Empire**. London: Routledge, 2000. p. 29-62.